

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Fernanda Henriques Motta

Cinema e literatura:
seus entrecruzamentos em ambientes de informação

Porto Alegre

2019

Fernanda Henriques Motta

Cinema e literatura:
seus entrecruzamentos em ambientes de informação

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Me. Marlise Maria Giovanaz

Porto Alegre

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Prof^a. Dr^a. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof^a. Dr^a. Karla Maria Muller

Vice-Diretora: Prof^a. Dr^a. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a. Dr^a. Samile Andréa Vanz

Chefe Substituto: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof^a. Dr^a. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenadora Substituta: Prof^a. Dr^a. Caterina Marta Groposo Pavão

CIP - Catalogação na Publicação

<p>Motta, Fernanda Henriques Cinema e literatura: seus entrecruzamentos em ambientes de informação / Fernanda Henriques Motta. -- 2019. 54 f. Orientadora: Marlise Maria Giovanaz.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2019.</p> <p>1. Literatura. 2. Cinema. 3. Mídia. 4. Biblioteca. 5. Livraria. I. Giovanaz, Marlise Maria, orient. II. Título.</p>
--

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Rua Ramiro Barcelos, nº 2705 - Bairro Santana
CEP: 90035-007 - Porto Alegre/RS
Telefone: (51) 3308-5067
E-mail: fabico@ufrgs.br

Fernanda Henriques Motta

Cinema e literatura:

seus entrecruzamentos em ambientes de informação

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharela em
Biblioteconomia pela Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Aprovado em: 12 dez. 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Me. Marlise Maria Giovanaz – UFRGS/DCI
Orientadora

Prof. Dr. Valdir José Morigi – UFRGS/DCI

Prof^a. Dr^a. Fernanda Carvalho de Albuquerque – UFRGS/DCI

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo à Professora Marlise pela orientação e pelo suporte. E também por ter aceitado ser minha orientadora. Muito obrigada por tudo.

Também quero agradecer à minha família, mas em especial, minha mãe Márcia, meu pai Ademir e à minha irmã Daniela pelo apoio incondicional e por não terem me deixado enlouquecer muito, além das ajudas na transcrição. Também agradeço à minha avó Sandra e ao meu avô Luiz, pela revisão e por emprestar o notebook. Amo vocês.

Este trabalho foi muito difícil de começar e de terminar. Muitas coisas aconteceram desde o começo que me impediram de avançar rapidamente, porém apesar disso, consegui concluí-lo.

Grande parte da motivação veio do apoio que recebi dos meus colegas de curso, mais especificamente, da Verônica e da Bruna. Muito obrigada meninas.

Também agradeço aos meus amigos de longa data Rafael, Paula e Bárbara pela revisão e pelas mensagens motivacionais.

Devo agradecer também aos estágios que realizei. Quase tudo do que aprendi veio deles, então muito obrigada pessoal da Biblioteca João Bonumá do MP/RS, da Biblioteca José Luiz Ferreira Prunes do TRT4, da Biblioteca do Colégio Marista Rosário e da Biblioteca do Instituto Goethe. Em especial gostaria de agradecer os bibliotecários e funcionários: Marcelo, Suzanna, Janaína, Mara, Adriana, Carla, Norah, Magda, Cíntia, Zilda, Bibiana e à Rosa pelas conversas, risadas e pelos ensinamentos de como funciona a Biblioteconomia na prática. Vou sempre me lembrar de vocês.

Agradeço também aos examinadores do trabalho Valdir e Fernanda por terem aceitado fazer parte da banca.

E, por fim, agradeço a todos que conheci e com quem aprendi no decorrer do curso, muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho trata sobre as relações entre cinema e literatura, as influências a que estão expostos e também fala de seus lugares de recuperação. E tem como objetivo geral analisar a relação entre cinema e literatura a partir da perspectiva de profissionais que atuam em bibliotecas e livrarias na cidade de Porto Alegre. Aborda conceitos de cultura, mídia, literatura, cinema, bibliotecas públicas, livrarias e ações culturais. Opta por metodologia qualitativa no qual utiliza como método história oral e seu instrumento de coleta de dados são entrevistas semiestruturadas. Identifica ações na biblioteca e livraria influenciados pelo cinema; explicita nas narrativas dos profissionais episódios acerca da busca por material pelos usuários influenciados pelos filmes; e reflete sobre o efeito dos livros adaptados para o cinema nos ambientes da biblioteca e livraria. Conclui que os ambientes da biblioteca e livraria funcionam como um espaço de diálogo entre as pessoas, no qual elas constroem conhecimento, existindo uma relação bem próxima entre o cinema e a literatura e também que as mídias influenciam comportamentos e práticas sociais.

Palavras-chave: Literatura. Cinema. Mídia. Biblioteca. Livraria.

ABSTRACT

This research is about the relation between cinema and literature, the influences to which they are exposed and also talks about their places of recovery. And its main objective is to analyze the relation between cinema and literature from the perspective of professionals working in libraries and bookstores in the city of Porto Alegre. It addresses concepts of culture, media, literature, cinema, public libraries, bookstores and cultural actions. He opts for a qualitative methodology in which he uses oral history as a method and his data collection instrument are semi-structured interviews. Identifies actions in the library and bookstore influenced by the cinema; explicit in the narratives of professionals episodes about the search for material by users influenced by the films; and reflects on the effect of cinema-adapted books on library and bookstore environments. It concludes that the library and bookstore environments act as a space for dialogue between people, in which they build knowledge, and there is a close relationship between cinema and literature and also that media influence social behaviors and practices.

Key-words: Literature. Cinema. Media. Library. Bookstore.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1	Cultura e mídia	10
2.2	Literatura, cinema e suas relações	13
2.3	Bibliotecas públicas, livrarias e ações culturais	19
3	METODOLOGIA	26
4	ANÁLISE DOS DADOS	29
4.1	Mídia e difusão cultural	29
4.2	Relações entre literatura e cinema	33
4.3	Ações culturais em ambientes de informação	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICE A – QUESTÕES ABERTAS PARA AS ENTREVISTAS	50
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ..	51
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ..	52

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade pautada pela dinâmica da transformação constante. Estas modificações acontecem não somente na economia e tecnologia, elas produzem impactos também na sociedade e na cultura.

A cultura é formada por diferentes padrões, que são transmitidos entre gerações, que permeiam os modos de pensar e agir de uma determinada população. Porém, a mídia e as redes estão se tornando, cada vez mais, objeto de influência em questões de comportamento e memória. Ou seja, as pessoas estão modificando sua maneira de viver e de ver o mundo pela indução que o rádio, a televisão, as mídias sociais e outros meios de comunicação exercem sobre o cotidiano. Portanto, a população é exposta a diversas influências e precisa ter a capacidade de assimilar as informações e discerni-las.

Neste trabalho entendemos informação como um conhecimento, de alguma forma registrado, que é constituído a partir da transferência de saberes entre as pessoas (MESSIAS; MORAES, 2003).

Com isso, a biblioteca pública e a livraria, são consideradas ambientes de informação, pois a informação é um objeto de trabalho e estudo de bibliotecários e livreiros. Estes também podem ser um espaço de diálogo para que a população consiga adquirir conhecimento, sendo um lugar fundamental para desenvolver essas habilidades de assimilações que somos obrigados a fazer. É muito importante reconhecer a informação, mas ao mesmo tempo entender qual o significado que ela quer passar.

Por conseguinte, este trabalho foi desenvolvido a partir dos ensinamentos que foram abordados ao decorrer do curso de Biblioteconomia, e um deles trata-se de que as bibliotecas não são apenas lugares para guardar conhecimento de forma organizada com a intenção de recuperar essa informação posteriormente, mas também podem ajudar no incentivo à leitura e à cultura. Elas podem preservar o patrimônio da região em que se encontram, servindo como centro de cultura e da memória local.

Este trabalho surgiu também pelo interesse em relacionar temas da literatura com o campo profissional da Biblioteconomia, visto que durante a realização desta formação não foram oferecidas disciplinas ou outras atividades de ensino que contemplassem esta relação. Isto pode ser importante, por exemplo, quando é

realizada a avaliação do acervo, pois como é possível avaliar sem conhecer quais obras são mais relevantes. O conhecimento de alguns dos considerados clássicos na literatura poderiam ser conhecidos, para construir ao menos um repertório mínimo (BORGES, 2019). Atualmente os bibliotecários recém graduados que tenham interesse nesta temática têm como única alternativa a busca de cursos e especializações.

No entanto, outro motivo da realização deste trabalho é o amor pela literatura e pelo cinema. Como essas duas artes possuem grande influência na vida da autora e uma já influenciou a outra, surgiu o questionamento se uma adaptação de uma obra literária fez com que houvesse uma procura pelo formato original da história. Pois, quando um livro é adaptado para o formato cinematográfico, muitas características de escrita não aparecem e novos significados são feitos pelo diretor do filme.

Então, este trabalho se torna relevante pela análise e junção das relações de cinema, literatura e ambientes de informação com o intuito de buscar formas de atrair novos usuários ou cativar os já existentes, utilizando-se de novos formatos de materiais, buscando, assim, uma diversidade no acervo. Outro motivo para a realização desta pesquisa é o fato de não existirem muitos materiais que tratam desse assunto na área de Biblioteconomia, possuindo assim, uma certa relevância em trazer esse tema tão influente na sociedade para dentro dos ambientes de informação. Como, por exemplo, na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), utilizando para a busca o termo “cinema”, foram recuperados 154 registros de 1972 a 2019, porém apenas 12 foram relevantes para a pesquisa, além de trabalhos realizados com um tema parecido no curso de Biblioteconomia da UFRGS serem bem poucos, apenas 2 utilizam literatura e cinema juntos, mostrando que essa área não é muito explorada pela academia.

Alguns trabalhos pesquisados foram importantes na construção deste, a título de exemplo, o Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia de Gilberta Ferreira da Costa, cujo título é “Literatura e cinema: a leitura dos jovens em diferentes linguagens”, no qual a autora questionou jovens acerca da leitura de obras literárias e cinematográficas e também o artigo de Linda Catarina Gualda, intitulado “Literatura e cinema: elo e confronto”, em que são abordadas as relações e diferenças entre essas duas artes.

Portanto, essa pesquisa tem como **problema**: Qual a relação entre cinema e literatura a partir da perspectiva de profissionais que atuam em bibliotecas e livrarias na cidade de Porto Alegre? E se propõe, como **objetivo geral**, analisar a relação entre cinema e literatura a partir da perspectiva de profissionais que atuam em bibliotecas e livrarias na cidade de Porto Alegre.

E, seus **objetivos específicos**, são: a) Identificar as ações desses ambientes de informação influenciados pelo cinema; b) Explicitar nas narrativas dos profissionais episódios acerca da busca por material pelos usuários influenciados pelo cinema; e c) Refletir sobre o efeito dos livros adaptados para o cinema nos ambientes da biblioteca e livraria.

Com vistas a realizar esses objetivos, as próximas seções estão divididas por referencial teórico, metodologia, análise dos dados e, por último, as considerações finais. A próxima seção apresenta conceitos importantes para a compreensão do trabalho. E estão divididos em subseções: a primeira aborda conceitos de cultura e mídia, juntamente com cultura de massa e cibercultura; a segunda apresenta a literatura, o cinema e as relações que possuem entre eles, juntamente com o termo literatura de massa; e por fim, a terceira discorre sobre as bibliotecas públicas, livrarias e ações culturais, em conjunto com exemplos de eventos realizados nesses ambientes de informação.

A metodologia do trabalho se apresenta como uma pesquisa básica e exploratória, de abordagem qualitativa, no qual utiliza-se o método história oral como procedimento para a compreensão e realização de entrevistas semiestruturadas nos dois sujeitos da pesquisa.

Já, a seção de análises dos dados, também está dividida em subseções igualmente ao referencial teórico, no qual utiliza-se as falas dos entrevistados, juntamente com alguns conceitos e autores utilizados no referencial para se ter a comprovação ou discordância entre a prática e a teoria.

E, por fim, a seção das considerações finais, no qual é feita uma revisão dos objetivos do trabalho, mostrando como foram respondidos, apresenta sugestões e críticas ao currículo do curso de Biblioteconomia e sugere que tenham mais pesquisas sobre as influências midiáticas no cotidiano e nas pessoas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção serão abordados alguns conceitos fundamentais para a realização do estudo, como: cultura e mídia; cinema, literatura e as suas relações; e bibliotecas públicas, livrarias e ações culturais.

2.1 Cultura e mídia

O termo cultura possui inúmeras definições. Uma delas, segundo convicções do antropólogo Edward Tylor, em que diz que cultura é um complexo de conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes ou qualquer atributo ou hábito adquirido pelo homem como parte de uma sociedade (TYLOR, 1871¹ *apud* LARAIA, 2009).

Cultura pode ser entendida também como um sistema de padrões criado pelo homem que reflete o pensamento e o modo de agir das pessoas que se encontram em um mesmo ambiente. A cultura é algo modificável, “[...] que se renova por meio da expressão das pessoas e dos grupos sociais espalhados por diversos locais [...]” (SANTOS, 2015, p. 175), por isso homens de culturas diferentes possuem modos de pensar e agir contrastantes.

Estes modos são moldados de acordo com o local onde esse ser humano irá crescer, pois nasce-se igual e o meio em que se vive é que irá definir a forma com que vivenciamos os acontecimentos. Ou seja, “[...] a sua herança genética nada tem a ver com as suas ações e pensamentos, pois todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizado.” (LARAIA, 2009, p. 38).

A cultura é também um mecanismo cumulativo, na medida em que são incluídas as modificações trazidas por uma geração e em que são passadas à geração seguinte, de modo que a cultura se transforma, perdendo e incorporando aspectos mais adequados à sobrevivência e reduzindo o esforço das novas gerações. O uso de abstração é uma característica do que é cultura: os elementos culturais só existem na mente das pessoas, em seus símbolos, tais como padrões artísticos e mitos (SANTOS, 2015, p. 176).

Portanto, culturas são sistemas diferentes de padrões, que se modificam no decorrer de gerações e que definem como as pessoas que vivem em determinados

¹ TYLOR, Edward. **Primitive Culture**. Londres: John Mursay & Co., 1871 *apud* LARAIA, 2019.

lugares pensam e agem, sendo um processo que depende de aprendizagem, pois ninguém nasce sabendo sua cultura, ela é adquirida na experiência.

Vive-se em uma sociedade que está em constante transformação, tanto tecnológica quanto comunicacional:

A invenção da imprensa em meados do século XV presenciou o nascimento de uma tecnologia que tornou possível a circulação de informação na sociedade de um modo sem precedentes. Este evento tecnológico revolucionário institucionalizou os meios de comunicação de massa (livros, jornais, revistas etc.) como uma força significativa na sociedade e permitiu a comunicação e a interação em grandes distâncias e entre um maior número de pessoas, ao mesmo tempo em que tornou possível, como nunca antes, armazenar e acumular informação ao longo dos anos (HJARVARD, 2012, p. 58).

Sendo assim, as tecnologias e os meios de comunicação modificaram práticas sociais e as suas representações. A mídia tem grande influência neste processo, positiva ou negativa, tornando-se essencial nas experiências contemporâneas, assumindo características de produção, veiculação, consumo e usos específicos em cada lugar do mundo (FISCHER, 2007).

“A sociedade contemporânea está permeada pela mídia de tal maneira que ela não pode mais ser considerada como algo separado das instituições culturais e sociais [...]” (HJARVARD, 2012, p. 54). Conscientemente ou não, a televisão, as revistas, os programas de rádio e hoje a rede mundial de computadores e as mídias sociais se tornam lugares de aprendizado e de aquisição de conhecimentos que dizem respeito a nós mesmos, da vida que levamos, de como vamos receber e ler as pessoas que são classificadas para nós como heróis ou vilões, cidadãos corretos ou não. Ocorrendo também com os personagens narrados nos filmes, nos romances, nos livros de auto-ajuda e também nos próprios materiais didáticos escolares (FISCHER, 2005).

Assim como a cultura e a mídia influenciam as pessoas, as tecnologias também causaram um impacto social e cultural a partir da criação dos computadores, desenvolvendo-se a cibercultura, que é “[...] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço [...]” (LÉVY, 1999, p. 17). De acordo com o mesmo autor Pierre Lévy (1999, p. 17), ciberespaço é “[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”.

Ou seja, com o desenvolvimento dos computadores, cria-se um novo canal de comunicação entre as pessoas, no qual as informações estão abertas para quem conseguir acessar. Construindo-se assim, uma *inteligência coletiva*, em que o conhecimento é construído entre várias pessoas. Porém, a cibercultura tende a excluir aqueles que não se apropriam e que acabam ficando para trás (LÉVY, 1999).

Com isso formam-se relações de poder, todavia, os privilegiados e os monopólios podem se sentir ameaçados com a expansão da cibercultura, porque os mais pobres também possuem acesso a essa rede, tendo acesso assim à informação (LÉVY, 1999).

Porém, mesmo com o acesso, não significa que a pessoa irá entender ou saber usar direito essa nova tecnologia, podendo se tornar uma pessoa que só repete e não pensa e dialoga. Com isso, a partir da internet, da imprensa, do cinema, do rádio e da televisão, se desenvolve a denominada cultura de massa, que é:

[...] produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial; [...] destinando-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade (classes, família etc.). (MORIN, 2011, p. 4).

A cultura de massa não deixa de ser considerada uma forma de cultura, pois também constitui um corpo de símbolos, mitos e imagens, se constituindo de um sistema de projeções e identificações. Porém, ela se integra em uma realidade policultural, onde contém, controla e censura, e também, tende a corroer e a desagregar as outras culturas (MORIN, 2011).

Segundo Horkheimer e Adorno (2000), as pessoas são divididas em grupos, nos quais são criados produtos de massa para cada divisão, criando, assim, condições favoráveis para o seu comércio, “[...] o valor de uso é absorvido pelo valor de troca em vez de prazer estético, o que se busca é conquistar prestígio e não propriamente ter uma experiência do objeto.” (COSTA; PALHETA; MENDES; LOUREIRO, 2003, p. 3).

Os produtos fabricados são pensados nos mínimos detalhes, apenas visando o lucro, perdendo assim, sua identidade própria. Segundo ideias de Walter Benjamin:

A possibilidade de expandir a obra de arte seria de acordo com as transformações técnicas desenvolvidas na sociedade e da própria percepção da estética. É compreendido que a reprodução ampliada da obra de arte acaba por estabelecer a perda da aura e as consequências sociais ganham relevância, cujo o impacto realizado pelo redimensionamento da arte

localizada é ilimitado (BENJAMIN, 1983² *apud* COSTA; PALHETA; MENDES; LOUREIRO, 2003, p. 1).

Portanto, a arte, com o desenvolvimento das tecnologias passou a ser reproduzida, perdendo a sua técnica única, se transformando em algo sem autenticidade.

Ou seja, as mídias, a internet e a cultura de massa dão significado, simbolizam as experiências que vivenciamos, as memórias, até os modos de agir. Porém, o público pode resistir a essas influências e criar sua própria maneira de apropriar esses significados:

Estas paisagens do consumo que vislumbramos compõem muito mais do que aquilo que desejamos adquirir. Estes mitos e ritos contemporâneos atualizam matrizes culturais e ressignificam hábitos e práticas cotidianas. Eles falam dos mundos possíveis que desejamos construir, coletivamente. Eles falam também, se pudermos ver e ouvir, do que haveria de potência criativa na forte associação entre mídia e consumo que constitui nossa contemporaneidade (ROCHA; CASTRO, 2009, p. 57).

Sendo assim, tanto a cultura e a cibercultura quanto a mídia modificam-se de acordo com as transformações que a sociedade é submetida. A cultura recebe grande influência dos meios midiáticos e das redes pois a imagem é um signo que é entendida mais facilmente pelas pessoas, porém a questão chave dos tempos atuais é fazer com que os cidadãos consigam formar habilidades que estabeleçam relações entre os diferentes meios de comunicação com a realidade a qual eles se encontram, gerando conhecimento.

2.2 Literatura, cinema e suas relações

A literatura ou a obra literária, precisa, necessariamente de duas pessoas: a que escreve e a que lê. Porém, na atualidade, “[...] é preciso que ela receba o endosso dos canais especializados, como: críticos, intelectuais, academias [...] e estabeleçam o seu valor artístico ou literário.” (COSTA, 2016, p. 25).

De uma forma bem sucinta, a literatura nada mais é que a visão de mundo ou da criação do autor, na qual ele exterioriza em palavras:

² BENJAMIM, Walter. A obra de arte. *In*: Grünnewald José Lino (trad.) et al. **Textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores) *apud* COSTA; PALHETA; MENDES; LOUREIRO, 2003, p. 1.

Os textos, que ganham o status de literatura, ainda que criados por e dirigidos às elites, não se restringem a elas. Eles ganham o mundo, e as inquietações que podem provocar, repercutem não só nas camadas periféricas dos círculos oficiais da cultura, mas também nas mais marginalizadas (COSTA, 2016, p. 25).

Dessa forma, a obra literária pode possuir papel importante socialmente. Pois a ideia surge de uma necessidade de escrita do autor, servindo como uma ampliação de conhecimento e de prazer. Exercendo, também, função importante para manter a língua como patrimônio coletivo (ECO, 2003).

As artes, e com elas a literatura, que são, muitas vezes, subestimadas é que podem modificar uma vida e trazer ressignificações às pessoas:

Podemos considerar que a leitura, a literatura e o cinema são fontes de conhecimento, através dos quais podemos compartilhar nossos saberes sem nos desfazermos deles. O conhecimento não tem preço, tudo o mais é passível de compra, mas o preço a ser pago pelo conhecimento é de outra natureza[...] (COSTA, 2016, 30).

Outra expressão artística é o cinema e existem várias denominações do que é, podendo ser considerado uma arte, produto, comunicação, espetáculo, mídia, entre outros. Segundo Betton:

O cinema é, antes de mais nada, uma arte, um espetáculo artístico. É também uma linguagem estética, poética ou musical – com uma sintaxe e um estilo; é uma escrita figurativa, e ainda uma leitura, um meio de comunicar pensamentos, veicular ideias e exprimir sentimentos. Uma forma de expressão tão ampla quanto as outras linguagens (literatura, teatro, etc.), bastante elaborada e específica (BETTON, 1983, p. 1).

Essa arte das telas possui características, qualidades e defeitos próprios como qualquer arte. Um filme é uma história, um argumento e desde as primeiras obras do cinema têm-se alternadamente adaptações e novidades. Os roteiristas não seriam capazes de descobrir, todos os anos, inúmeras situações inéditas, conseqüentemente, acabam por recorrer às obras-primas da literatura ou aos livros de sucesso. A frequência com que se adaptam obras literárias para a tela aumentam o debate acerca da qualidade e da fidelidade dessas adaptações, resultando em polêmicas que muitas vezes são desnecessárias e pouco produtivas (GUALDA, 2010, p. 214).

Com isso, têm-se a impressão de que a história contada no livro é mais completa do que a história do filme, todavia podem haver histórias nas entrelinhas que os leitores

não notaram e que foram mostrados nas telas (GOMES, 2009). Segundo Francisco Lopes:

A diferença clássica que se estabelece entre filme e livro, como premissa, é a da natureza das linguagens, uma visual, outra literária. No primeiro, as adesões são sempre mais fáceis e simples - na segunda, tem que haver colaboração da imaginação de quem lê, uma colaboração criativa, de cor subjetiva e emocional muito forte, que pode dar ao leitor até uma ilusão de propriedade emotiva daquilo que imaginou (o que dá em propensão para achar as transposições empobrecedoras). O espectador de cinema é mais frívolo, mais comprometido com o entretenimento, com divertir-se e emocionar-se ou não, e crê que isso lhe basta (LOPES, 2004, documento eletrônico).

Essas diferentes interpretações e visões ocorrem porque cada pessoa compreende o que lê de maneiras distintas e de acordo com as suas experiências.

Ou seja, as adaptações não são simplesmente transformações de um romance em um roteiro cinematográfico, elas não podem ser classificadas como fiéis ou infiéis, porque elas tratam da interpretação particular do roteirista sobre o que a obra fala, sofrendo influências pelo seu contexto histórico e cultural (SILVA; SANTOS, 2017). Por isso o roteiro é parte importante, porque ele fundamenta a relação entre literatura e cinema. Ele é, essencialmente, um elemento literário que antecede a construção cinematográfica, apresentando a linha argumentativa e dramática do filme e funcionando como um norteador para o trabalho a ser realizado (SILVA; SANTOS, 2017).

É importante salientar que em uma obra literária, um segundo de ação prática pode se desenrolar por cem páginas, visto que o autor lança mão de descrições minuciosas acerca dos sentimentos do personagem, do estado físico em que se encontra, etc. Em um filme, um segundo de ação prática significa um segundo de ação prática. Assim, para que as emoções sejam despertadas nos consumidores de uma obra, o cineasta pode utilizar trilha sonora, imagens tocantes e atuações expressivas. Algo que pode transformar um não leitor em um amante da obra. **É exatamente aí que está o ponto chave da adaptação, que não procura somente alcançar os já conhecedores da obra, mas almeja trazer para si um público muito maior a ser telespectador do seu show** (SILVA; SANTOS, 2017, p. 88, grifo nosso).

Então, as adaptações de livros podem fazer com que pessoas se tornem leitoras e também que leitores consigam enxergar outra interpretação da obra, pela visão dos roteiristas e do diretor. Em relação a isso, no artigo publicado em 2011, por Sandra Reimão, intitulado “Tendências do mercado de livros no Brasil - um panorama e os best-sellers de ficção nacional (2000-2009)”, a autora analisou a lista dos livros mais

vendidos da Revista Veja. E depreende-se que entre os livros de ficção mais vendidos nos primeiros anos da década, todos os livros da série Harry Potter, da escritora britânica Joanne Kathleen Rowling, estão listados. E, no final da década, os 4 livros da série Crepúsculo, da escritora norte-americana Stephenie Meyer, fazem parte dos principais.

Essas duas séries literárias se tornaram um fenômeno mundial nos anos 2000-2009, sendo a série Harry Potter frequentemente apontada como uma referência em relação ao crescimento da leitura entre jovens na última década (REIMÃO, 2011). A autora, Joanne Kathleen Rowling, mais conhecida como J.K. Rowling, iniciou a saga no ano de 1997 e a concluiu em 2007. Harry Potter se apresenta como uma série de sete livros que contam a história de um menino bruxo, que vivia no mundo real e foi incluído em uma escola de magia, na qual deveria superar os desafios do mundo mágico e combater o vilão até a morte (SOUZA, 2015). Essa história foi traduzida para mais de 70 idiomas e foram vendidos mais de 400 milhões de exemplares mundialmente, tornando-se um dos maiores sucessos editoriais e também cinematográficos. A saga de Harry Potter no cinema foi lançada de 2001 a 2011, sendo a franquia de filmes mais lucrativa da história, com mais de 7 bilhões de dólares (NOS 19 ANOS, 2016).

Ao contrário do livro *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, publicado entre 1945 e 1955, que teve o interesse do leitor atual despertado a partir de sua adaptação cinematográfica, no final de 2001, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (primeiro livro da saga) tornou-se primeiro o maior fenômeno de leitura dos últimos tempos, entre crianças, jovens e adultos, em diversos países, antes de ser roteirizado para exibição na tela grande (JACOBY, 2002).

Com esse sucesso de um livro de literatura infanto-juvenil, surgiu o questionamento se esse tipo de leitura seria válida. O crítico Harold Bloom acredita que a longo prazo a leitura de grandes autores poderá não acontecer pela linguagem difícil, e que a leitura de livros como Harry Potter não são encorajadores como um possível início para o interesse na leitura, pois, segundo ele, são cheios de clichês. Outro aspecto que ele aborda é a questão de que vivemos em um mundo dominado

pela imagem, sendo a leitura deixada de lado em comparação ao cinema, televisão, videogames, entre outros (MOURA, 2001³ *apud* JACOBY, 2002).

Com a quantidade de obras no mundo atual, falar que as pessoas leem pouco não seria correto. Elas simplesmente querem ler o que lhes interessa, porque “[...] cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria [...]” (CHARTIER, 1996, p. 20). Dessa forma, as telas podem servir como chamariz, pois são mais atrativas do que, por exemplo, os livros que são leitura obrigatória nas escolas.

“A escola assumiu para si a decisão a respeito da adequação de textos e a legitimação de determinadas práticas de leitura, na tentativa de defender e valorizar o que selecionou ser importante para formar leitores.” (TAVELA, 2010, p. 2). Por conseguinte, as pessoas, desde jovens acabam por não se interessarem na leitura, por conta das escolhas literárias que as escolas realizam, sendo selecionadas obras pouco atrativas ou de linguagem considerada formal pelos alunos, dificultando, assim, uma identificação com o que se está lendo.

Dessa maneira, como visto anteriormente, os livros mais vendidos não são considerados literatura culta segundo alguns críticos e academias. Eles entram em uma categoria chamada de literatura de massa, considerada, muitas vezes, sublitteratura (TAVELA, 2010, p. 3). Para Muniz Sodré (1988), existem duas literaturas: a culta e a de massa, porém ambas necessitam do consumo, não somente de produção. A literatura culta para ser considerada como tal deve ser reconhecida institucionalmente pelas academias (escolas, círculos de leitura, etc.), já a literatura de massa não possui nenhum suporte, dependendo, somente, do jogo de oferta e procura, isto é, do próprio mercado: “A diferença das regras de produção e consumo faz com que cada uma dessas literaturas gere efeitos ideológicos diferentes.” (SODRÉ, 1988, p. 6). De acordo com o autor, na literatura de massa:

[...] o que importa mesmo são os conteúdos fabulativos (e, portanto, a intriga com sua estrutura clássica de princípio-tensão, clímax, desfecho e catarse), destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando a sua sensibilidade. É o mercado, e não a escola, que preside às condições de produção do texto (SODRÉ, 1988, p.16).

³ MOURA, Flávio. Penso, logo existo. Entrevistado: Harold Bloom. **Veja**, São Paulo, 31 jan. 2001, p. 11-14-15 *apud* JACOBY, 2002.

Sendo assim, a indústria editorial é muito próxima da literatura de massa, investindo em autores e assuntos que estão em alta, conseguindo, dessa forma, atrair um grande grupo de leitores. Porém, por ser considerada inferior segundo academias e críticos, esse tipo de literatura é banido das escolas, restringindo o interesse do possível leitor, que poderia ser atraído para a literatura a partir de livros que lhe dessem prazer (TAVELA, 2010). Por conseguinte:

A literatura de massa é analisada como arte ou não e, por isso, deixa-se de lado o objetivo primeiro de todo o texto, que é ser lido por alguém. Portanto, o leitor é relegado a um segundo plano. Para o leitor interessado, a distinção entre alta literatura e literatura de massa é completamente sem sentido. O que vale é o seu gosto, o seu prazer (TAVELA, 2010, p. 4-5).

Portanto, a literatura de massa, pode ser e muitas vezes é grande formador de leitores, pois, com sua linguagem mais simples, juntamente, com seu claro desenvolvimento narrativo, acaba se tornando algo prazeroso e estimulante às pessoas, podendo instigá-las a quererem mais. Harry Potter é um dos exemplos mais significativos, porque foi a porta de entrada de vários indivíduos no mundo da literatura e, posteriormente, com seus filmes, mais pessoas conheceram e se interessaram pela história do menino bruxo.

Juntamente com a literatura de massa:

[...] o cinema se tornou uma arte popular atingindo todas as camadas sociais; além disso, o cinema, ao adaptar as grandes obras, proporciona maior acesso aos clássicos, haja vista que depois da exibição das adaptações, a demanda por novas edições das obras cresce vertiginosamente (BAZIN, 1987⁴ *apud* GUALDA, 2010, p. 214).

Portanto, o cinema, tanto quanto a literatura influenciam um ao outro e vice-versa e não somente utilizam-se como inspiração, mas também formam mais leitores. Por conseguinte, deve-se ter em mente que a narrativa contada pela obra literária e a pelo roteiro cinematográfico possuem relações, essas que se modificam nas adaptações porque sofrem ressignificações de quem a está adaptando, por isso, não se pode julgar um livro pelo filme ou o filme pelo livro.

Ambas as formas de ler essas artes estão corretas, enquanto possuírem leitores e conseguirem extrair sensações das pessoas é o que irá mantê-las infinitamente no

⁴ BAZIN, André. Pour um cinema impur: défense de l'adaptation. *In: Qu'est ce que le cinéma?* Paris: Editions du Cerf, 1987 *apud* GUALDA, 2010, p. 214.

mercado. Pois, “[...] na era da interdisciplinaridade, nada mais saudável do que tentar ler a verbalidade da literatura pelo viés do cinema, e a iconicidade do cinema, pelo viés da literatura” (BRITO, 2006, p. 131).

2.3 Bibliotecas públicas, livrarias e ações culturais

Desde quando o homem começou a registrar seus conhecimentos, foi preciso de um lugar de guarda destes, os chamados antigamente de depósitos de livros ou bibliotecas.

A necessidade de registrar conhecimentos e informação, por parte dos povos antigos, levou-os a montar arquivos antes mesmo da produção dos seus registros. Esse objetivo mudou no decorrer da sua evolução; as mudanças técnicas, como o uso do papel e a invenção da imprensa, tornaram a biblioteca mais acessível e seu caráter passou de instituição fechada e particular para leiga e pública (SANTOS, 2012, p. 187).

Com o seu caráter público, as bibliotecas possuem grande importância por democratizar o acesso à informação, podendo ser acessada por qualquer pessoa, independentemente de classe social, gênero, orientação sexual ou crença religiosa, o que a faz ser a biblioteca mais democrática existente. Cidadãos de qualquer idade, emprego e país podem utilizá-la. A biblioteca pública se dedica para “proporcionar livre acesso à informação e ao conhecimento, bem como promover a cultura e a educação, se dispondo a atender toda a comunidade, de modo igualitário[...]” (ROSA, 2016, p. 19).

Segundo o Manifesto IFLA/UNESCO:

A biblioteca pública é o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros. [...] Todos os grupos etários devem encontrar documentos adequados às suas necessidades. As coleções e serviços devem incluir todos os tipos de suporte e tecnologias modernas apropriados assim como fundos tradicionais. É essencial que sejam de elevada qualidade e adequadas às necessidades e condições locais (IFLA/UNESCO, 1994, documento não paginado).

Analisando-se as definições apresentadas, a biblioteca pública, além de possuir a democracia enraizada no seu propósito, também possui grande importância para a inclusão social e cultural, bem como para a educação de sua comunidade. Tornando-se “[...] um local de interação, debates e manifestações culturais e artísticas,

extrapolando seu papel de democratização da cultura letrada” (FERRAZ, 2014, p. 22), sendo um centro de promoção cultural atuando como um modelo para o exercício da cidadania (FERRAZ, 2014).

Porém, para conseguir atuar como esse modelo, a biblioteca precisa conhecer o público a quem ela quer cativar, para então, planejar suas ações de acordo com o que a comunidade necessita. Para isso, os bibliotecários que trabalham nestas Instituições, precisam fazer um estudo de usuários. Segundo Nice Figueiredo (1994), o estudo de usuários é uma investigação que o bibliotecário aplica na instituição que ele coordena para saber quais as informações que os indivíduos precisam, assim como, identificar se as necessidades de informação dos sujeitos que frequentam as bibliotecas estão sendo atendidas de modo apropriado.

Através dos estudos de usuários, o público consegue expressar formalmente suas demandas de informações e assim exigir dos bibliotecários suas providências, sendo canais de comunicação que são abertos entre a biblioteca e a comunidade na qual ela está inserida. Também são estudos necessários para ajudar a biblioteca na previsão da demanda ou da mudança de demanda de seus produtos ou serviços, no qual se permite que sejam alocados os recursos necessários na época adequada (FIGUEIREDO, 1994).

Por conseguinte, realizando-se esse estudo, consegue-se perceber as necessidades da comunidade e os interesses da população. Pensando-se nas demandas, no Manifesto IFLA/UNESCO (1994), as coleções e os serviços prestados pela biblioteca devem possuir todos os tipos de suportes e as novas tecnologias, juntamente com as tradicionais: “As colecções devem reflectir as tendências actuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da humanidade e o produto da sua imaginação” (IFLA/UNESCO, 1994, documento não paginado).

Paralelamente ao conhecimento da comunidade a qual a biblioteca está inserida, é muito importante o processo de desenvolvimento de coleções, onde se seleciona o acervo, adquire obras, desbasta e avalia os seus serviços. Esse processo é uma estratégia, um mecanismo para dar viabilidade a um espaço social que expressa os anseios da sociedade em relação às necessidades de informação que eles precisam (WEITZEL, 2006⁵ *apud* WEITZEL, 2012).

⁵ WEITZEL, Simone da Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006 *apud* WEITZEL, 2012.

Então, para que a biblioteca pública consiga atingir seus objetivos de ser um espaço democrático, de inclusão social e cultural e também de educação, ela precisa conhecer a comunidade a qual está inserida e, a partir disso, desenvolver o acervo e os materiais, mas também os serviços que ela pode oferecer à comunidade. Serviços estes, que podem ser um bom atendimento, um acervo condizente com as necessidades do público, mas também podem ser ações culturais.

As ações culturais em bibliotecas são um conjunto de práticas e atividades desenvolvidas, aproximando o público da cultura, estimulando diferentes formas de lazer e apreensão de conhecimento (OLIVEIRA; VIEIRA; LOPES, 2015). A prática dessas ações se torna relevante, porque:

[...] vivemos um contexto informacional, que demanda mudanças no ramo da comunicação, seja no ambiente da internet, onde a colaboração e o compartilhamento gradativamente estão sendo valorizados, ou mesmo nos ambientes físicos das unidades de informação (ROSA, 2009, p. 2).

Com isso, “[...] o bibliotecário deve proporcionar um ambiente para que o usuário participe, no sentido de opinar, formular e criar [...]” (ROSA, 2009, p. 2). As atividades podem ser realizadas de várias formas, como peças de teatro, mediações de leitura, exposições, saraus, jogos, dança, encontros literários, exibição de filmes, palestras, entre outros. Esses serviços são muito importantes, pois representam criações de diferentes condições de acesso à informação, que viabilizam a produção de conhecimento (OLIVEIRA; VIEIRA; LOPES, 2015).

Nesse sentido, é importante ressaltar que:

[...] a biblioteca desempenha um papel de espaço cultural porque possibilita a realização de atividades relacionadas à cultura como exposições, ou encontro com escritores de sua localidade, com o intuito de poder disponibilizar aos seus usuários e a sua comunidade o acesso à tradição cultural, visando resgatar todo o contexto da memória local como a conscientização do resgate dessa cultura (SILVA; SANTOS, 2014, p. 9).

Esse espaço cultural que preserva o conhecimento, também pode usar como fonte de informação e, conseqüentemente, como mecanismo cultural, os filmes. Estes que, apesar de terem sofrido drásticas transformações nos seus suportes ao decorrer dos anos ainda continuam a fascinar as pessoas e não deixam de ser um retrato da época em que foram feitos, sendo então uma forma de representação cultural.

Portanto, as bibliotecas públicas realizam um serviço de suma importância para a sociedade. Além de ser um espaço de preservação do conhecimento produzido, também serve como base para gerar novas ideias, porque proporciona acesso à informação e, com isso, gera-se mais conhecimento. Elas possuem como público-alvo os moradores da comunidade no qual estão instaladas, preservando, assim, a memória daquela localidade, tornando-se também, um centro cultural. Com isso, as ações culturais são uma forma de atração de usuários, porque são diferentes formas de informação, onde o usuário se torna um participante ativo da construção de seu conhecimento.

Já, as livrarias, ao contrário das bibliotecas, cuja função é democratizar o acesso, realizando empréstimo de seu acervo, têm como característica principal atender ao mercado, em que se vende suas obras. Sendo elas subdivididas em: sebos (comércio caracterizado pela venda de livros usados); grandes redes, como, por exemplo, a Livraria Cultura; e o comércio online, como a Amazon (VALENTIM, 2000).

Como vivemos em um mundo de transformações tecnológicas e de mercado, as bibliotecas e livrarias não ficariam de fora. O conhecimento e as informações estão cada vez mais próximas das pessoas e, ao mesmo tempo, afastando uns aos outros. As pessoas não necessitam mais ir até as bibliotecas em busca de material, pois grande parte está na internet e elas também não precisam ir até as livrarias comprar livros, porque vende-se também livros online. Assim, a comunicação e a troca de conhecimento fica muito limitada. E, as ações culturais tanto em bibliotecas quanto em livrarias servem para chamar atenção ao ambiente, divulgando o lugar e seu acervo.

Como exemplo de ação cultural em biblioteca pública, cito a Biblioteca Pública Municipal Vianna Moog, localizada em São Leopoldo/RS. Uma de suas ações culturais é o curso Reflexões Literárias, que está em seu quarto ano de realização e até novembro de 2019 foram realizados 5 encontros, sendo um deles exemplificado na Figura 1 abaixo. Ele tem como objetivo: oportunizar aos participantes uma reflexão teórica e prática sobre a mediação da leitura nos diversos espaços de aprendizagem. Além do curso, foram realizadas contações de histórias no projeto Contar e Encantar, que pode ser visto na Figura 2 abaixo e a biblioteca também estava presente na 34ª Feira do Livro - Ramiro Frota Barcelos, no qual também está registrado na Figura 3 abaixo (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL VIANNA MOOG, 2019).

Figura 1 - Reflexões Literárias encontro 1



Fonte: BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL VIANNA MOOG, 2019.

Figura 2 - Projeto Contar e Encantar



Fonte: BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL VIANNA MOOG, 2019.

Figura 3 - 34ª Feira do Livro Ramiro Frota Barcelos



Fonte: BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL VIANNA MOOG, 2019.

As livrarias também realizam ações culturais, porém são mais voltadas para a venda, entre elas estão: sessão de autógrafos; lançamento de livro; bate-papo com autores; encontro de fãs; algum evento patrocinado por editora; entre outros. Como exemplo, na Figura 4 abaixo, encontra-se uma foto da sessão de autógrafos que a autora Meg Cabot realizou na Livraria Saraiva em Porto Alegre no ano de 2015.

Figura 4 - Sessão autógrafos Meg Cabot



Fonte: SARAIVA, 2015.

Portanto, podemos observar que ambos os ambientes, tanto as bibliotecas quanto as livrarias realizam ações culturais, porque elas convidam as pessoas a

participarem e a frequentarem os lugares. Alguns objetivos podem ser diferentes quanto a compra, porém o objetivo principal é cativar as pessoas, fazendo-as tornar o lugar um ponto de referência cultural e literário.

3 METODOLOGIA

A metodologia é de fundamental importância para se desenvolver uma pesquisa científica, esclarecendo os métodos utilizados para alcançar as respostas do estudo.

Trata-se dos métodos das ciências, ou seja, dos caminhos utilizados por um(a) pesquisador(a) para atingir um fim. São as etapas programadas previamente (porém de forma flexível), pelas quais se deseja um determinado resultado (SIQUEIRA, 2013, p. 240).

A pesquisa deste trabalho é de natureza básica, que se destina à ampliação do conhecimento (GIL, 2010), que será formado a partir da literatura científica e dos resultados obtidos das entrevistas. E têm em vista identificar a relação da adaptação de livros nos ambientes da biblioteca e livraria.

Quanto aos objetivos de estudo, é uma pesquisa exploratória. Para Gil (2010, p. 27) “[...] as pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Portanto, a pesquisa propõe familiaridade com o assunto e a identificação de relações entre a literatura e o cinema.

Essa pesquisa tem como método história oral, porque busca construir uma narrativa a partir de testemunhos, ou seja, constitui-se do registro de depoimentos sobre a história vivida (DELGADO, 2010). A história oral foi adotada como um procedimento para conhecer a realidade, pelo ponto de vista de bibliotecários e livreiros, da influência das adaptações dos livros em ambientes que vendem ou emprestam informação. Com isso, utiliza-se a abordagem qualitativa, pois “[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20).

Como instrumento de pesquisa foi utilizado a entrevista semiestruturada e temática, em que o pesquisador possui um roteiro previamente estabelecido (SILVA; MENEZES, 2005) e porque ela se volta para o envolvimento do entrevistado no assunto em questão. A entrevista em história oral é um diálogo em que se constrói a interpretação do passado através da fala e ela tem como característica se desenvolver entre recuos, repetições e desvios (ALBERTI, 2004), cabendo ao

entrevistador conduzir a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para esclarecer questões que não fiquem claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista (BONI; QUARESMA, 2005).

A escolha dos entrevistados foi feita de acordo com os objetivos a que o trabalho se propõe, escolhendo pessoas que trabalham e presenciam ocorrências ou situações relacionadas ao tema (ALBERTI, 2004). Então, foram escolhidos uma bibliotecária e um livreiro para realizar esses depoimentos. Sendo eles, respectivamente, da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães e do Sebo e Livraria Ladeira Livros. Os dois sujeitos foram escolhidos pelo distanciamento da sua relação com o cinema, para poder verificar como eles percebem a relação cinema e literatura, já que seu material de trabalho são os livros.

As entrevistas foram agendadas previamente com os entrevistados e ocorreram em dias separados para cada sujeito. A entrevista com a bibliotecária ocorreu no dia 29 de outubro de 2019 e com o livreiro no dia 12 de novembro de 2019. No contato com os profissionais e nos dias da entrevista, eles foram informados sobre os objetivos da pesquisa e também na importância das suas participações, juntamente com a assinatura do Termo de Consentimento, onde autorizam a gravação e a utilização de suas falas, somente a este trabalho e podem ser encontrados na seção Apêndice B e Apêndice C.

Realizaram-se as entrevistas nos ambientes de trabalho dos profissionais, nos lugares mais silenciosos possíveis para se ter uma boa conversa. Utilizou-se o aplicativo gravador de voz contido no celular da entrevistadora para gravar a entrevista e também foram anotadas falas consideradas importantes para não esquecer durante as etapas de transcrição e análise. As perguntas foram desenvolvidas a partir do referencial do trabalho, como também dos seus objetivos específicos e elas estão disponíveis no Apêndice A.

Após o processo das entrevistas, elas foram passadas da forma oral para a escrita, com a finalidade de se compreender melhor a fala do entrevistado. Podendo-se assim, analisar os dados, que consiste em atribuir significado ao conteúdo adquirido, pretendendo-se evidenciar o caso estudado. Para Roque Moraes:

A análise de conteúdo, em sua vertente qualitativa, parte de uma série de pressupostos, os quais, no exame de um texto, servem de suporte para

captar seu sentido simbólico. Este sentido nem sempre é manifesto e o seu significado não é único. Poderá ser focado em função de diferentes perspectivas. Por isso, um texto contém muitos significados[...] (MORAES, 1999, p. 2).

Portanto, para que se tenham conclusões acerca das propostas do trabalho, após a etapa das entrevistas; das suas transcrições para a forma escrita; e de suas análises de conteúdo das falas dos entrevistados, a próxima seção apresenta a análise dos dados obtidos nas entrevistas. Cujas respostas foram separadas em subseções de acordo com o referencial teórico, para organizar e manter uma linha lógica definida, melhorando, assim, a compreensão dos assuntos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistas ocorreram em outubro e novembro de 2019. Os dois profissionais foram entrevistados em seus locais de trabalho. Na realização das questões, elas foram separadas em blocos, seguindo a ordem apresentada no referencial teórico e podem ser acessadas no Apêndice A ao final do trabalho. As informações obtidas pelas entrevistas realizadas para pesquisa foram analisadas em blocos separados seguindo a ordem do referencial teórico e deles separaram-se subitens, para se ter uma melhor compreensão do assunto tratado.

Os entrevistados, são: Renata de Souza Borges, bibliotecária formada pela UFRGS (BORGES, 2015) e Mauro Scheuer Messina que trabalha há 30 anos como livreiro (MESSINA, 2019).

As análises são apresentadas com as falas dos entrevistados, apoiados com o referencial teórico. Podendo haver transcrições literais ou apenas a ideia do que foi entendido da fala do profissional.

4.1 Mídia e difusão cultural

A cultura pode ser entendida como um padrão que pode definir o pensamento e o modo de agir das pessoas. Sendo algo renovável e possuindo certos modos que são moldados de acordo onde se vive.

Com as novas tecnologias ficou mais fácil compartilhar informação, com isso foram se modificando práticas sociais e suas representações, influenciando o comportamento das pessoas:

Com a internet, os telefones celulares e um crescente mercado global para séries de televisão, filmes, música, publicidade etc., a experiência humana não é mais vinculada nem a um contexto local nem a um contexto nacional, mas também tem lugar em um contexto globalizado (HJARVARD, 2012, p. 83).

Ou seja, o desenvolvimento cultural não é mais restrito ao local onde se nasce, pois, hoje em dia, quase tudo sofre influência de outros lugares, outras culturas.

Segundo a bibliotecária Renata Borges (2019, documento eletrônico), as mídias influenciam porque elas fornecem acesso à informação, e completa: “Influenciar não no sentido de decidir o que as pessoas vão fazer ou não”, porém elas podem “aguçar a curiosidade dessas pessoas que, por exemplo, podem vir a procurar essas informações em uma biblioteca, então elas têm algum impacto”.

Ainda segundo a bibliotecária: “as informações que elas vão fornecer vão ter algum resultado na vida das pessoas que vão ser expostas a ela”. Esse pensamento está em acordo com Fischer (2007) no qual fala que as mídias, conscientemente ou não, se tornam lugares de aprendizado sobre as pessoas, sobre as vidas de cada um, sobre como se interpretam situações. Ou seja, elas influenciam sim, as pessoas, de um modo geral, mas também podem influenciar em relação ao livro e à leitura.

Segundo o livreiro Mauro Messina (2019, documento eletrônico) a mídia baliza o consumo, ela “impõe o que se lê [...]. Em relação à literatura, a mídia é que impõe, o que vai se ler, qual é o foco: literatura, autoajuda [...] espiritismo [...]”, para ele, a mídia se encaixa “[...] a toda internet, formadores de opinião, a própria universidade” que balizam a informação, tendo uma clara relação entre mídia e livro:

Por exemplo, pega aqui na Feira do Livro, porque que os livreiros chegaram em determinado momento e pediram: “não, nós vamos querer uma divulgação de Feira do Livro”. Porque a L&PM, no caso aqui da Feira do Livro é quem pegava e tinha uma relação com a Zero Hora e aí as pessoas viam [...] o que saía na Zero Hora, e as pessoas vinham e compravam os livros. Então, é óbvio, né? A mídia ela contamina, num bom ou mau sentido, o mercado (MESSINA, 2019, documento eletrônico).

Portanto, as tecnologias mudaram, o acesso a informação mudou, fazendo com que mais:

[...] pessoas descubrem coisas que permitem que elas tenham mais acesso a literatura do mesmo jeito que a gente fala da facilidade de comprar livro pela internet ou da facilidade de ter acesso a diferentes fontes de informação, de saber que existem livros que te interessam (BORGES, 2019, documento eletrônico).

Para o livreiro, o livro começou a ser tratado como uma indústria, “[...] e a partir disso ele vai se modificar, tu vai criar as demandas, então as editoras, elas começaram a criar a demanda e a partir disso, a desenvolver seu produto.” (MESSINA, 2019, documento eletrônico). Ou seja, para ele o livro se tornou um

objeto de cultura de massa em que os produtos são fabricados visando o lucro. Ele acredita que a cultura de massa deixa as pessoas sem esclarecimento:

[...] tu leva as pessoas quando lerem, a lerem algo que não, pra ti não construir um pensamento crítico, ou pra ti não construir pensamento. Tu apenas reproduzir [...] A massa ela vai continuar sendo massa [...] (MESSINA, 2019, documento eletrônico).

Com isso, as artes, e a literatura fazendo parte, perdem sua autenticidade, segundo ideias de Walter Benjamin (BENJAMIN, 1983⁶ *apud* COSTA; PALHETA; MENDES; LOUREIRO, 2003, p. 1).

Ainda para o livreiro Mauro Messina, há uma grande desigualdade de acesso à informação e à cultura:

[...] pega um livro... o Guimarães Rosa, é 2 mil exemplares num país de 230 milhões [...], no máximo é 50 mil [...]. Tu acha que existe alguma preocupação de alguém, do mercado editorial, num país de 200 milhões, tu fazer uma edição de 2 mil exemplares? Tu acha que não existe uma censura? Tu não acha que existe uma vontade que as pessoas não tenham acesso ao livro e daí tu vai dizer muito fácil: “Ah o povo não quer ler”, mas entendeu? “O povo não sabe, coitadinho de nós” Não! Os caras não querem, os caras querem que os livros sejam 50 reais pra não ter acesso, tu quer que o livro [...] esteja num shopping, numa grande rede, porque daí a população não vai lá, a população não pode, tu não quer uma feira em praça pública, é ruim, “Ah como a Feira do Livro é ruim” Não é. “Ah como é ruim” Por quê? Por que tá numa população. Tu quer que o livro seja de uma elite, quer que a elite se mantenha tendo esse acesso (MESSINA, 2019, documento eletrônico).

Portanto, segundo o livreiro (2019), o livro é algo criado pelo mercado editorial para gerar lucro e atingir determinada classe social. Podendo, também, dificultar o acesso das pessoas mais carentes a certos gêneros literários. Porém, com a cibercultura e a internet, esse acesso pode ser facilitado, já que modificou o comércio de livros em livrarias e sebos, que utilizam, por exemplo, o endereço eletrônico “Estante Virtual”⁷.

Ainda de acordo com ele, os livros digitais e a venda de livros apenas pela internet não estão atingindo significativamente as vendas, pelo que ele observou. Contudo, as pessoas não se renderam completamente à internet e aos livros

⁶ BENJAMIN, Walter. A obra de arte. In: Grünnewald José Lino (trad.) et al. **Textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores) *apud* COSTA; PALHETA; MENDES; LOUREIRO, 2003.

⁷ Endereço eletrônico onde os cidadãos compram livros novos ou usados e também onde livreiros podem vender seus produtos.

digitais, porque “[...] têm as pessoas que vão lá (na livraria), tem os tablets da vida e me mostram os tablets e tal, mas na realidade se eu mostro um livrinho lá, os caras vão lá e acabam comprando [...]” (MESSINA, 2019, documento eletrônico).

Já a bibliotecária Renata Borges (2019), acredita que mesmo com o aumento das vendas de livros pela internet, os diferentes suportes de livros não atrapalham um ao outro. E que, por isso, o livro físico não irá acabar. Ela enxerga por uma perspectiva otimista, porque está tendo no mercado edições de livros mais bonitas, ricas e trabalhadas, em decorrência de que na tela seria tudo muito parecido, e em consequência disso, as pessoas são atraídas pelo visual do livro.

Sendo assim, a visão de Mauro é muito mais pessimista e crítica em relação ao mercado editorial, ele não vê com romantismo a relação com o livro. Para ele, o livro físico irá continuar existindo até quando o mercado notar a sua influência. Porém Renata, como bibliotecária, não possui essa visão de mercado, então continua percebendo que esses diversos suportes de livros irão coexistir, como também afirma Marcello Rollemberg:

[...] podemos entender que o livro em papel – com todas suas eventuais e maravilhosas imperfeições – perdure, por mais que seu futuro para alguns possa parecer incerto. Mas não improvável. Haverá – como já há – dois caminhos paralelos, que podem se tangenciar, mas dificilmente um, o livro eletrônico, acabará por obstaculizar o outro, encadernado e impresso em papel de qualidade (ROLLEMBERG, 2010, p. 230).

Em vista disso, não há como definir um futuro certo ao livro, o que se sabe é que, por enquanto, ele irá dividir seu espaço com os livros digitais. Todavia, podemos afirmar que as mídias podem influenciar tanto as pessoas quanto a cultura, ressignificando hábitos e práticas (ROCHA; CASTRO, 2009), podendo melhorar o acesso à informação e construir conhecimento ou continuar mantendo os indivíduos no seu nicho inicial de mercado, fazendo com que só reproduzam o que lhes é informado.

Com isso, no mundo atual, há infinidades de informação e a maior parte das pessoas têm “[...] acesso a uma grande parte de coisas que poderiam ser interessante para ela.” (BORGES, 2019, documento eletrônico), afirma a bibliotecária. Porém ter acesso à informação e às redes, não é o suficiente, é preciso que os cidadãos consigam entender e reformular suas ideias, juntamente com as

informações a qual eles são expostos, para conseguir se tornar um indivíduo ativo na sociedade que questiona e dialoga com diferentes opiniões.

4.2 Relações entre literatura e cinema

A literatura e o cinema, basicamente, são histórias que autores criam que podem servir para aumentar a sabedoria, mas também para divertir. Ela e o cinema são fontes de conhecimento e também de expressão, e possuem como diferença clássica a linguagem, sendo uma visual e a outra literária (LOPES, 2004).

E, apesar dessas duas linguagens serem diferentes, elas possuem uma relação bem clara, segundo a bibliotecária (BORGES, 2019), porque a matéria-prima é o roteiro e ele está muito vinculado na construção de uma história. Segundo Gualda (2010, p. 205): “[...] a estrutura narrativa se apresenta como o principal elo entre as duas”, ou seja, tanto o cinema quanto a literatura derivam de textos escritos com uma narrativa e a principal diferença é que uma possui uma linguagem visual e a outra literária.

Como um filme se constrói a partir de um roteiro, é complicado para os roteiristas conseguirem escrever histórias inéditas e, por isso, recorrem a livros. Surgindo, assim, debates acerca da qualidade e da fidelidade dos filmes que tiveram como obra de referência livros, o que pode ser desnecessário. Quando questionada em relação a qual dessas artes era melhor, a bibliotecária Renata respondeu:

Qual livro e qual filme? Não, são duas linguagens completamente diferentes. Definitivamente são duas linguagens completamente diferentes, e o livro é o olhar do autor, né? É o texto do autor e a forma como ele se expressa e ainda assim vai depender da recepção do leitor, do impacto, não vai ter o mesmo impacto em todos os leitores. O filme ele já tem uma outra linguagem, ele tem outra proposta, primeiro porque eu acho que não dá pra esperar do filme que ele tenha a mesma coisa que tem no livro, já que é outro suporte, outra linguagem, é outra coisa. Mas, eu acho que podem ser tão bons quanto, cada um na sua proposta. É óbvio que quando a gente lê, a gente imagina os personagens, e aí a gente cria na base, sei lá do que, no nosso repertório, então às vezes a gente se decepciona em como o personagem é construído, tipo não é tão maravilhoso quanto a gente tinha imaginado[...] (BORGES, 2019, documento eletrônico).

Questionado da mesma maneira, nas palavras do livreiro Mauro:

Eu acho que não, é que são duas coisas diferentes. Tu não pode, tu não vai colocar um livro dentro de um filme [...], se o cara consegue pegar a essência do livro e colocar na película, no filme, é isso, cada um é uma linguagem, tem uns que não conseguem fazer isso, que fazem uma outra coisa, né? Por exemplo, o “Laranja Mecânica” [...] Eu acho o livro muito melhor, mas o (Anthony) Burgess, é um cara que ninguém lia, né? E o grande livro dele virou o “Laranja Mecânica”, por quê? Por causa da adaptação do filme, tu entende, que é um bom filme, eu não acho nada de mais, mas às vezes o filme vira maior que o próprio livro, tu entende, então depende muito. Mas o livro sempre vai ser com maior riqueza de detalhes, é que na realidade quem constrói o livro é tu, não é o diretor, né? (MESSINA, 2019, documento eletrônico).

Pode-se notar que ambos os entrevistados deram uma opinião muito parecida, de que as duas formas de arte possuem linguagens diferentes e que não têm como julgá-las, porque depende da pessoa que a vir e das significações que ela fará. Outra questão é que as adaptações podem suprir certos acontecimentos, porque ela é a visão de uma pessoa, portanto, vai estar de acordo com os entendimentos que ela teve ao ler o livro, ou seja, “[...] ligado à obra literária, o filme não deixa de ser uma reinterpretação do romance e por isso dá novos contornos à obra de partida” (GUALDA, 2010, p. 218).

Essa relação entre cinema e literatura pode ser facilmente vista pelos profissionais, podendo afirmar que o cinema influencia as pessoas a lerem e a procurarem livros. De acordo com a bibliotecária:

Com certeza, não tenho nenhuma dúvida disso. A quantidade de pessoas que vieram aqui procurar os “50 tons de cinza” prova essa teoria, ou o “Dan Brown”, ou o “Lado bom da vida”, ou o livro do “13 reasons why”, ou... não tenho nenhuma dúvida com relação a isso. [...] Já teve gente que veio procurar, especificamente, pra poder assistir, por exemplo, “ah, qual é o livro que tu tem que é relacionado com o filme pra eu poder ver o filme? Pra eu poder comparar”. Sem contar que, por exemplo, a gente também sabe do caminho inverso que é das pessoas que tem que ler o livro e procuram o filme pra não ler o livro. Então, são duas coisas que se conversam (BORGES, 2019, documento eletrônico).

Para Mauro Messina, o mesmo significado:

É óbvio, eu acho que, por exemplo, quando sai um Harry Potter novo [...] todo mundo procura um Harry Potter, quando sai a nova versão da série tal é óbvio que sai a versão da série tal. Então claro, ela tá, o cinema como entretenimento é óbvio que influencia e no livro também [...]. Mas quando sai o filme é óbvio que tem um aumento de procura, as pessoas vão assistir e vão ler, e isso aí influencia as pessoas (MESSINA, 2019, documento eletrônico).

Quando questionado se possui algum exemplo, o livreiro respondeu:

Tem! Deixa eu me lembrar. Tem, [...] sempre quando sai filme, ou adaptações, as pessoas procuram, deixa eu me lembrar mais recentemente, eu to meio por fora dos mais recentes, mas até quando sai, por exemplo, o livro do Marighella, agora que tá saindo o filme, as pessoas procuram, a história [...] que é bem local, “A legalidade”, as pessoas procuram né? (MESSINA, 2019, documento eletrônico).

Portanto, a relação cinema e literatura, para esses profissionais, são bem nítidas e eles conseguem notar pelo dia a dia, a influência que o cinema tem. Seus exemplos são bem claros em relação aos livros que são procurados depois que suas adaptações estrearam nas telas. Para Renata Borges (2019), outros exemplos de histórias que foram procuradas, são: Harry Potter, Crepúsculo, O Senhor dos Anéis e também dos livros da Anne Rice. Já Mauro Messina (2019) lembra-se de Harry Potter a alguns livros mais antigos, como Fahrenheit 451 de Ray Bradbury, 1984 de George Orwell e O Processo do Kafka. Podemos notar nos exemplos anteriores e esses, que as obras, na sua maioria, são de ficção, mas também têm as históricas, mostrando que a história também pode se tornar algo consumível pelas massas.

Curiosamente, alguns dos livros citados pelos entrevistados também fazem parte da lista de livros mais vendidos que possuem adaptações de suas histórias para o cinema, como: Harry Potter; Crepúsculo; O Senhor dos Anéis – A sociedade do anel, de J. R. R. Tolkien; A menina que roubava livros, de Marcus Zusak; O menino do pijama listrado, de John Boyne; O Código da Vinci, Anjos e demônios, Fortaleza digital, Ponto de impacto, O símbolo perdido, todos esses escritos por Dan Brown; e A cabana, do escritor canadense William Young (REIMÃO, 2011). Mostrando que o livro, a literatura e o cinema possuem uma boa interação e têm uma grande relação ao consumo de massas (MESSINA, 2019).

O livreiro Mauro Messina (2019) justifica dizendo que é porque a indústria cultural, é como qualquer indústria, interagindo entre elas com um único objetivo que é lucrar, levando as pessoas ao consumo. De acordo com ele, o mercado editorial é “[...] uma grande indústria que movimenta milhões de dólares, junto com o cinema que também é uma outra grande indústria, então elas têm que andar sempre junto.” (MESSINA, 2019, documento eletrônico), e que, por isso, as pessoas são influenciadas.

Muitos dos livros mais vendidos não são considerados literatura culta por críticos. E se tornam literatura de massa, pois não tem reconhecimento perante a eles e também a instituições validadoras, como universidades, escolas, entre outros. Porém, essa literatura de massa é a mais vendida e, conseqüentemente, mais lida pelo grande público. Podendo ser também formadora de leitores pela sua linguagem simples. Para Renata Borges, a literatura de massa e os clássicos são importantes, cada um possuindo seu impacto:

[...] tem o impacto dos filmes que foram baseados em livros que trazem as pessoas pra biblioteca. Não temos dúvida disso. Os clássicos são importantes e eu [...] não tenho nenhuma dúvida disso também, mas são duas coisas diferentes, entende, uma coisa não anula a outra [...] (BORGES, 2019, documento eletrônico).

Ainda segundo a bibliotecária, a literatura de massa também pode ajudar a dar reconhecimento aos ambientes de informação:

Vamos pensar assim também, as pessoas que tão vendo o filme em casa elas poderiam ver um filme em casa, ver outro filme em casa e nunca vir pra biblioteca, as pessoas que viram um filme e vieram pra biblioteca, chegaram num livro, gostaram de um livro, vão encontrar o prazer da leitura, entende, esse conforto que é de poder buscar outro livro. Tem muita gente que chega pra gente e diz “eu gostei de ler tal coisa, o que tu me recomenda?” [...], então, eu acho que trazer as pessoas pra dentro da biblioteca, ou para dentro da livraria, coloca, já tem uma contribuição para leitura muito grande e aí essas pessoas vão poder escolher (BORGES, 2019, documento eletrônico).

Todavia, ainda para a bibliotecária Renata Borges, os clássicos:

[...] são clássicos, porque eles continuam permanentes, continuam tendo o mesmo impacto na vida da gente, então tu lê uma coisa que foi escrita há 200 anos, 300 anos atrás e aquilo mexe contigo, então eu acho, às vezes, que a gente vê na literatura o pessoal que tá principalmente o escrever pelo chocar [...] (BORGES, 2019, documento eletrônico).

Mas, ainda segundo ela, a leitura de livros de massa, como, por exemplo, Harry Potter, possui:

[...] um monte de referência à literatura e que as pessoas podem se interessar e procurar outras obras. De maneira alguma eu acho que isso atrapalha, eu acho que pelo contrário, quanto mais as pessoas se interessarem, melhor (BORGES, 2019, documento eletrônico).

Logo, toda leitura é válida, sendo ela institucionalizada pelas academias ou não. E a frase, “deixa as pessoas lerem o que elas quiserem, as leituras se conversam”, não deixa de ser uma verdade, pois um livro chama outro (BORGES, 2019). Portanto, o que vale é o prazer de ler não importando entre a alta literatura ou a literatura de massa, porque o objetivo principal de um texto é ser lido (TAVELA, 2010). Porém, ainda existem estereótipos em relação a leitura, porque, muitas vezes, as crianças são obrigadas pela escola a lerem livros que não lhes agradam e o livro acaba se tornando algo ruim perante elas, com isso, é importante o diálogo, como, por exemplo, uma situação que a bibliotecária presenciou:

Então, assim, eu lembro de um escritor numa contação de histórias que a gente fez falando sobre leitura e ele fez uma analogia muito boa sabe, que é muito difícil, ele falou isso, e eu concordo plenamente, é muito difícil a gente conhecer alguém que diz “eu não gosto de nenhum filme” “absolutamente nenhum filme eu gosto”, as pessoas certamente sabem, “eu gosto de comédia, não gosto de terror, mas eu gosto de suspense, ou eu gosto de filme romântico”. E ele conseguiu mostrar pra uma turma de alunos de 4ª série que com a leitura era a mesma coisa, que dizer “eu não gosto de ler” é como se tu tivesse lido todos os livros do mundo e aí tu chegasse a conclusão que não gosta de ler. Então quando tu diz “você gosta de ver filmes? Gosto! E que tipo de filme tu gosta? Eu gosto de filme de suspense, eu gosto de filme de ação” e de ler “pois é, eu não sei. Tá, mas tu já leu todos os tipos de livro? Quem sabe tu gosta de um tipo de livro que tu não leu ainda, quem sabe tu procura” (BORGES, 2019, documento eletrônico).

Ou seja, esses ambientes que endossam a alta literatura, muitas vezes, acabam por inibir as crianças de procurarem por si e descobrirem qual tipo de livro gostam, afastando-as do prazer de ler. Juntamente a isso, uma característica que já é utilizada para chamar atenção, são as capas dos livros serem as capas do filme. E, como vivemos em uma época em que o visual causa mais impacto, uma característica notada pela bibliotecária é justamente essa: a capa do livro ser a capa do filme. Para ela, causa nas pessoas um impacto de validação, porque se a obra foi transposta para filme, quer dizer que o livro é bom (BORGES, 2019). Curiosamente, também há o caminho inverso, em que os filmes vindos de obras renomadas, são tidas com uma maior qualidade, no qual o público demonstra grande interesse em vê-las (GUALDA, 2010).

Portanto, o cinema e a literatura são duas artes bastante interligadas. E sua principal diferença se encontra em suas linguagens. Ambos os entrevistados acreditam que não há como comparar elas e definir qual é melhor, porque são

linguagens diferentes e dependem da interpretação individual de cada pessoa. Os profissionais também conseguem perceber a relação entre essas duas artes na sua rotina de trabalho. E que a leitura é sempre válida, não importando que ela seja culta ou de massa, porque, como foi dito anteriormente, um livro chama outro.

4.3 Ações culturais em ambientes de informação

As bibliotecas além de guardarem informação também a disponibilizam. E as com seu caráter público democratizam o acesso à informação, porque qualquer cidadão poderá acessá-la. Elas também são importantes para a inclusão social e cultural, bem como para a educação da comunidade na qual ela está inserida. Assim, ela poderá ser um local de interação, debates e manifestações culturais e artísticas, se tornando um centro de promoção cultural (FERRAZ, 2014).

Para conseguir desenvolver essas ações e se tornar um centro cultural perante a comunidade, o bibliotecário necessita conhecer o seu público, todavia, muitas vezes, os estudos de usuários formais não são realizados, e cabe ao bibliotecário perceber diariamente qual o seu público e a partir disso desenvolver seu acervo. Com o objetivo de continuar sendo um espaço democrático de conhecimento, os seus serviços têm de estar de acordo com o seu público, para conseguir atraí-lo ao ambiente. E um acervo adequado aos usuários, um bom atendimento e práticas culturais para dar visibilidade à biblioteca são importantes.

As ações culturais aproximam o público da cultura e os estimulam a aprender se divertindo e conversando (OLIVEIRA; VIEIRA; LOPES, 2015). Segundo a bibliotecária Renata Borges (2019) para trazer pessoas para dentro da biblioteca tem todo um trabalho e muitas das ações culturais que são realizadas na Biblioteca Josué Guimarães tem a ver com poder mostrar o que está disponível, como pode ser visto na Figura 5 abaixo. Por exemplo:

[...] então um dia a gente fez o Jane Austen Day e colocou no expositor todos os livros da Jane Austen e as pessoas “olha tem livros da Jane Austen”, ou faz o dia do terror e coloca todos os livros e filmes de terror, então a gente vai conseguindo despertar nas pessoas curiosidade pra outras coisas[...] (BORGES, 2019, documento eletrônico).

Figura 5 - Jane Austen Day 2017



Fonte: BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL JOSUÉ GUIMARÃES, 2017.

Dessa forma, as escolhas das ações culturais e dos eventos na biblioteca acontecem:

[...] muito mais em função das demandas assim, as pessoas vêm, e “eu quero fazer uma visita guiada na biblioteca, eu quero fazer uma contação de história”, porque é muito difícil pra gente com a equipe que a gente têm, com a infraestrutura que a gente têm, com o recurso que a gente têm, dizer: “não, todo dia, tal eu vou oferecer tal coisa”. Assim como fica difícil pra gente pensar em um planejamento a longo prazo, propondo coisas que não sejam essas coisas que a gente vai conseguindo se ajustar, entende, porque como é que eu vou dizer que eu vou oferecer tais e tais coisas se eu não tenho previsão de recurso pra isso, ou se eu não sei se o recurso vai ser liberado [...] (BORGES, 2019, documento eletrônico).

Infelizmente, essa é uma realidade das bibliotecas públicas no Brasil. Há pouca verba disponível e o acervo é basicamente composto por doações. Contudo, as bibliotecárias e demais funcionários da Biblioteca fazem o que podem com os recursos que têm para promover e manter esse espaço atualizado.

Com isso, recentemente a biblioteca está com um projeto de ampliar o acervo dos filmes, em decorrência de doações que foram feitas. De acordo com a bibliotecária Renata Borges (2019) foi realizada uma avaliação do acervo, e nela foi constatado que são doações muito boas e não se poderia abrir mão delas, colocando-as à disposição do público:

[...] então a gente recebe uma boa doação de DVDs e as pessoas procuram os DVDs, as pessoas assistem bastante filme, têm pessoas que

levam 5 filmes de cada vez. E aí a gente recebeu uma doação, a gente têm bastante pra inserir no acervo e a gente vai descer lá pro subsolo, pra um lugar que vão ser três estantes, vai ser um pouco maior e aí a gente tá pensando sim, em como fazer ações que relacione com o acervo de DVDs, então isso é uma coisa que a gente tá, faz horas que as pessoas estão nos cobrando mas que a gente tá também pensando em como estruturar, porque tem toda a questão de reproduzir o filme, e direitos, e como é que faz, infraestrutura, enfim, tem um monte de coisa envolvida nisso e essas coisas a gente tá pensando provavelmente pro ano que vêm (BORGES, 2019 documento eletrônico).

Ou seja, o planejamento das ações da biblioteca não é algo constante e depende da vontade de pessoas que gostariam de fazer algum evento no espaço, no qual está sempre tentando se adequar às atividades propostas. Logo, nota-se que antes da realização da entrevista, já se tinha notado essa procura pelos filmes e também pelos livros.

No ambiente da livraria também são realizadas algumas ações culturais, sendo feitos alguns debates sobre livros e literatura, porém não é o foco dela. Segundo o livreiro Mauro Messina (2019), o principal objetivo da livraria é oferecer um acervo qualificado para seus clientes, para que eles possam ter o local como referência. O acervo dela também é composto por doações, as quais, usualmente, escolhem-se livros que não seriam o “perfil” da livraria. Já, nos livros novos, compra-se títulos que mais se adequariam ao público dela, como livros de sociologia, história, psicologia, entre outros.

Portanto, percebe-se que tanto a biblioteca quanto a livraria realizam as ações e priorizam relacioná-las ao seu acervo, fazendo com que o público conheça mais os livros que são disponibilizados.

Outro aspecto a ser considerado é o potencial que o ciberespaço oferece para a criação e manutenção de locais de interlocução entre esses espaços e seus usuários (CALIL JUNIOR, 2013), porque a biblioteca e a livraria em questão utilizam perfis próprios em redes sociais nos quais divulgam não só os eventos que irão acontecer, mas também dicas de livros. Esse fato mostra que esses ambientes também sofrem influência e certa pressão das redes para estarem conectados, já que gostando ou não, a internet se tornou o mecanismo de busca e recuperação da informação na atualidade. Ou seja, se não estiver na internet, a maior parte do público não conhece.

Com isso, os profissionais foram questionados se eles percebem outra relação entre suportes nos ambientes, a do cinema e a literatura. E ambos os

entrevistados afirmaram que conseguem notar essa relação. Para o livreiro Mauro Messina:

[...] têm uma gama de livros que vai tratar essa relação do livro, do cinema e a literatura, então eu meio que acompanho, como a livraria tem professores e tal, tu tem muita coisa de cinema e história, ensino de história e cinema, então tu tem uma gama. O cinema ele proporciona, ele é um instrumento de ensino que [...] vai muito além da própria tela [...] (MESSINA, 2019).

Já, para a bibliotecária Renata Borges, essa relação foi percebida na realização de seu TCC, no qual os filmes eram vistos como um acréscimo:

[...] eu fiz o meu TCC aqui na Josué, fazendo uma análise de uso e satisfação em 2008 e a gente nessa época [...] tinha VHS e eu lembro que com base nos estudos da faculdade e naquela época o VHS já estava começando a ficar obsoleto, já tinha muito problema de quem é que tem vídeo cassete, quem é que não tem. E eu lembro que eu olhava pra aquilo e pensava, “bah será que precisa disso ainda, quem é que usa né?” E aí a minha pesquisa foi uso e satisfação lá naquela época e eu tava muito esperando que as pessoas não usassem que as pessoas não se interessassem, porque eu pensava “nossa que coisa mais antiquada”, e a gente lá estudando tudo o que a biblioteca moderna deveria ter né? E aí eu fiz uma pesquisa e o retorno que eu tive das pessoas foi muito surpreendente pra mim, o retorno que eu tive foi, primeiro porque naquela época ainda existiam locadoras, então as pessoas pagavam para emprestar filme. As pessoas me diziam assim: “tu vê? Eu vim aqui pra pegar um livro e eu cheguei aqui e tinha esse filme e eu vou levar pra casa pra ver no fim de semana de graça, tu vê que bom, supera as minhas expectativas” (BORGES, 2019, documento eletrônico).

Dessa forma, nos ambientes da biblioteca e da livraria são realizados eventos que incentivam à leitura e à cultura. E eles são importantes, porque divulgam o lugar e também o seu acervo, podendo conquistar novos usuários. Esses ambientes podem ter suas diferenças de mercado, porém seu produto de trabalho não deixa de ser o livro e a literatura. E enquanto continuarem a divulgar e a realizar ações culturais, continuarão fazendo parte fundamental da formação de conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possui seus objetivos para direcionar a pesquisa e também definir alguns resultados esperados. Com isso, seu objetivo geral foi analisar a relação entre cinema e literatura a partir da perspectiva de profissionais que atuam em bibliotecas e livrarias na cidade de Porto Alegre. Portanto, foram realizadas entrevistas com dois profissionais, em que eles relataram suas ideias e experiências acerca das relações entre o cinema e a literatura. E a partir destas respostas foi possível entender que essas duas artes têm uma relação bem próxima e que uma influencia a outra.

O primeiro objetivo específico era identificar as ações desses ambientes de informação influenciados pelo cinema. Então, conseguiu-se constatar que ambos os ambientes já realizaram eventos, porém a biblioteca sente mais a sua influência, pois irá realocar o acervo de DVDs e está pensando em ações que poderá realizar juntando seu material textual e o seu visual.

Já o segundo objetivo específico era refletir sobre as narrativas dos profissionais, episódios acerca da busca por material pelos usuários influenciados pelo cinema. Esses acontecimentos falados pelos entrevistados, inclusive com exemplos de livros mais pedidos tornaram-se claro em suas falas, porém esperava-se que eles seriam mais específicos em suas respostas, todavia no final os resultados esperados foram realizados.

E, por último, o terceiro objetivo específico propunha refletir sobre o efeito dos livros adaptados para o cinema nos ambientes da biblioteca e livraria. Nesse resultado pode-se perceber que as pessoas vão procurar as obras originais ou derivadas de algum filme e também que os profissionais procuram manter algumas obras de literatura de massa, pois sempre há público querendo. Outra observação é que não só as mídias tradicionais, como os jornais e a televisão influenciam, mas a internet e as mídias sociais também realizam esse papel.

As tecnologias ajudaram a compartilhar informação e, dessa forma, influenciaram comportamentos e modificaram práticas sociais. As mídias se tornaram lugares no qual se adquire conhecimento e pode em alguns casos moldar as decisões das pessoas. Não influenciando apenas os indivíduos, mas também o

livro e a leitura, pois pode-se refletir que esta direciona o consumo, ditando qual o produto da vez. E com a massificação cultural torna-se restrita a possibilidade de os cidadãos pensarem por si, porque é construída toda uma classe divisória nos quais produtos específicos, como, por exemplo, jornais, livros e filmes são produzidos pensando no grupo de pessoas que irá consumi-lo. Contudo, todo desenvolvimento tecnológico mudou o acesso à informação e proporciona que cada vez mais pessoas tenham alcance a diferentes fontes de informação.

Dessa maneira, na era da cibercultura, a possibilidade do acesso à informação aumenta, fazendo com que mais pessoas tenham a chance de construir conhecimento. Porém, a facilidade de acesso não define se os indivíduos irão entender os signos passados. É necessário que as pessoas adquiram um senso de questionamento e a partir disso dialoguem com os demais, se tornando, assim, cidadãos independentes e não um reprodutor de ideias.

Além das mídias que estão mais em alta atualmente como a televisão e a internet, a literatura e o cinema também são e se tornaram fontes de conhecimento. E, apesar de utilizarem linguagens diferentes, possuem uma relação bem forte entre si, o que pode ser comprovado pelas falas dos profissionais entrevistados.

Grande parte dos livros que tiveram suas histórias transcritas para filmes e que foram utilizados como exemplos na fala da bibliotecária e também do livreiro que contribuíram com sua experiência neste trabalho fazem parte da literatura de massa, pois não possuem reconhecimento pelas academias, como escolas, críticos, entre outros. Todavia, toda leitura é importante, ela tendo sua relevância institucionalizada ou não, pois, a cada livro lido, mais se aguça o prazer de ler, levando a cada vez mais leituras e também a desafios. Sendo inegável a importância que livros como Harry Potter trouxeram à literatura, pelo incentivo dado aos jovens no estímulo ao desenvolvimento do hábito da leitura.

Com isso, os ambientes de informação, representados neste trabalho como a biblioteca e a livraria, possuem diversos pontos em comum tanto com as tecnologias e a cibercultura, quanto com os desafios da literatura do mundo atual. E, apesar deles possuírem grande diferença em suas relações com o mercado, seu principal material é a informação.

A confecção deste trabalho permitiu também entender que o Brasil atual não valoriza a informação e não a tem como algo importante, sendo esses espaços,

muitas vezes, desvalorizados. Esses locais podem ter alguns objetivos diferentes, porém são valiosos, pois preservam a cultura escrita e também a disponibilizam. Além disso, também funcionam como um espaço de diálogo entre os cidadãos, promovendo a cultura e a educação através de ações culturais e eventos, ajudando, assim, a construir conhecimento.

Dessa forma, este trabalho se propôs a estudar o cinema e a literatura, juntamente com suas relações, influências nos quais estão expostos e também nos seus lugares de recuperação. Logo, lidamos atualmente com tantas novidades tecnológicas e um campo de estudo amplo sobre o livro e a literatura que poderiam ser explorados pela Biblioteconomia. Porém, o curso não a inclui como parte de pesquisa e não tem mais disciplinas que abordam a literatura na Biblioteconomia da UFRGS. Ou seja, é uma lacuna que está aberta, pois não tem, atualmente, professores que possam lecionar esse conteúdo, podendo ser um campo de estudo que trará novos conceitos e informações à Biblioteconomia e também fará com que seus profissionais saibam avaliar seu acervo pelo ponto de vista literário e que não precisem recorrer a cursos e especializações logo após sair da Universidade pela falta de disciplinas que abordam esse tema.

Portanto, as novas tecnologias ajudam a compartilhar informação e, dessa forma, influenciam comportamentos e modificam práticas sociais. Os efeitos destas tecnologias sobre a cultura e sobre os comportamentos humanos ainda não podem ser dimensionados já que é um processo ainda inacabado. Ainda há muito a ser feito e deixo aqui a sugestão de continuar a pesquisar as influências e possíveis consequências que elas exercem no cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BETTON, Gérard. **Estética do cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL VIANNA MOOG. **Página do Facebook**. São Leopoldo, 2019. Facebook: bpmViannaMoog. Disponível em: <https://www.facebook.com/bpmViannaMoog/>. Acesso em: 21 nov. 2019.
- BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL JOSUÉ GUIMARÃES. **Página do Facebook**. Porto Alegre, 2017. Facebook: BPMJG. Disponível em: <https://www.facebook.com/BPMJG/>. Acesso em: 21. Nov. 2019.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em tese**: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2 n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- BORGES, R. S. **Entrevista TCC 1**. [Entrevista cedida a] Fernanda Henriques Motta. Porto Alegre, 29 out. 2019.
- BORGES, R. S. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 25 set. 2015. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4650764947430081>. Acesso em: 25 nov. 2019.
- BRITO, João Batista de. **Literatura no cinema**. São Paulo: Unimarco, 2006.
- CALIL JUNIOR, Alberto. Mídias sociais nas bibliotecas universitárias brasileiras. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 1053- 1077, 2013. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/899>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COSTA, Alda Cristina Silva da; PALHETA, Arlene Nazaré Amaral Alves; MENDES, Ana Maria Pires; LOUREIRO, Ari de Sousa. Indústria cultural: revisando Adorno e Horkheimer. **Movendo Ideias**, Belém, v. 8, n. 13, p. 13-22, jun. 2003. Disponível em: <http://150.162.242.35/bitstream/handle/praxis/467/211.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 nov. 2019.
- COSTA, Gilberta Ferreira da. **Literatura e cinema**: a leitura dos jovens em diferentes linguagens. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/157361>. Acesso em: 24 jun. 2019.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003

FERRAZ, Marina Nogueira. O papel social das bibliotecas públicas no século XXI e o caso da superintendência de bibliotecas públicas de Minas Gerais.

Perspectivas em Ciência da Informação. Belo Horizonte, v. 19, n. esp., p.18-30, out./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2280>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FIGUEIREDO, Nice. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília: IBCT, 1994.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 65, p. 43-58, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n65/a04v2565.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, p. 290-299, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a09v1235.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Lidiane Marques. **Bibliotecas e filmes**: uma outra leitura. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/18713>. Acesso em: 24 jun. 2019.

GUALDA, Linda Catarina. Literatura e cinema: elo e confronto. **Matrizes**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 201-220, jan./jul. 2010. Disponível em: <http://www.journals.usp.br/matrizes/article/viewFile/38267/41072>. Acesso em: 14 out. 2019.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. *In*: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 169-214.

HJARVARD, Stig. Mídia e cultura: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-9, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38327/41182/%3E.%20Acesso%20em:%2016%20nov.%202018>. Acesso em: 20 jun. 2019.

IFLA/UNESCO. **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas**. 1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

JACOBY, Sissa. Prazer de ler: a mágica de Harry Potter. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 183-194, 2002. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14182/9419>. Acesso em: 23 out. 2019.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOPES, Francisco. **Cinema e literatura: dança e tropeço**. [Poços de Caldas, MG], 19 fev. 2004. Disponível em: http://verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=246. Acesso em: 22 out. 2019.

MESSIAS, L.C S.; MORAES, J.B.M. Informação: conceitos e terminologias na área de ciência da informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ANCIB, 2011. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/venancib/paper/viewFile/2126/1261>. Acesso em: 10 nov. 2019.

MESSINA, Mauro Scheuer. **Entrevista TCC 2**. Porto Alegre, 2019. Entrevistadora: Fernanda Henriques Motta em 12 nov. 2019.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 16 jun. 2019.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. v. 1.

NOS 19 ANOS do primeiro Harry Potter, os números mágicos da saga. **Glamurama**, [s. l.], 30 jun. 2016. Disponível em: <https://glamorama.uol.com.br/nos-19-anos-do-primeiro-harry-potter-os-numeros-magicos-da-saga/>. Acesso em: 4 nov. 2019.

OLIVEIRA, Lais Pereira de; VIEIRA, Josina da Silva; LOPES, Gustavo Adolfo. Ações culturais em bibliotecas públicas municipais: estudo comparado das práticas de Goiânia (GO) e São Paulo (SP). **RICI: R.Ibero-amer. Ci. Inf.**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 142 - 164, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/rici.v8.n2.2015.2064>. Acesso em: 22 jun. 2019.

REIMÃO, Sandra. Tendências do mercado de livros no Brasil: um panorama e os best-sellers de ficção nacional (2000-2009). **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 1, p.

194-210, 2011. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38315/41162/>. Acesso em:
 10 out. 2019.

ROCHA, Rose de Melo; CASTRO, Gisela G. S. Cultura da mídia, Cultura do Consumo: Imagem e espetáculo no discurso pós-moderno. **LOGOS: comunicação e universidade**, v. 16, n. 1, p.48-59, 2009. Disponível em:
</10.12957/logos.2009.361>. Acesso em: 24 jun. 2019.

ROLLEMBERG, Marcello. O futuro do livro ou a crise na cibercultura. Revista USP, São Paulo, n. 87, p. 225-230, 2010. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13844/15662>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ROSA, Andreia Petró da. **A biblioteca pública e a inclusão social: um instrumento de avaliação**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/10183/157340>. Acesso em: 20 jun. 2019.

ROSA, Anelise Jesus Silva da. A prática de ação cultural em bibliotecas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 14, n. 2, p. 372-381, jul./dez., 2009. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/675>. Acesso em: 22 jun. 2019.

SANTOS, Josiel Machado. Ação Cultural em Bibliotecas Públicas: o bibliotecário como agente transformador. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 173-189, jun./dez. 2015. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/425>. Acesso em: 23 jun. 2019.

SANTOS, Josiel Machado. O processo evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, jul./dez. 2012. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237>. Acesso em: 17 jun. 2019.

SARAIVA. **Autógrafos com Meg Cabot em Porto Alegre**. São Paulo, 2015. Facebook: saraivaonline. Disponível em:
<https://www.facebook.com/saraivaonline/photos/a.10153796831464382/10153796831669382/?type=3&theater>. Acesso em: 21 nov. 2019.

SILVA, Bárbara Soares da; SANTOS, José Sandro dos. Das relações entre literatura e cinema: um olhar sobre a adaptação do romance *Orgulho e Preconceito*. 2017. In: Simpósio Estadual de Ensino Pesquisa e Extensão da FBJ, 2, 2017, Belo Jardim. **Anais [...]**. Belo Jardim: FBJ, 2017. Disponível em:
<https://even3.azureedge.net/anais/38257.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2019.

SILVA, Maria Mônica da; SANTOS, Izabel Lima dos. Ação cultural em bibliotecas: conceitos e considerações. In: Encontro Regional de estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação, 27, 2014,

Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38622>. Acesso em: 22 jun. 2019.

SILVA, Edna L. da; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: [https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia de pesquisa e elaboracao de teses e dissertacoes 4ed.pdf](https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20de%20pesquisa%20e%20elaboracao%20de%20teses%20e%20dissertacoes%204ed.pdf) . Acesso em: 15 jun. 2019.

SIQUEIRA, Marli Aparecida da Silva. **Monografias e teses**: das normas técnicas ao projeto de pesquisa: teoria e prática. 2. ed. Brasília, DF: Editora Consulex, 2013.

SODRÉ, Muniz. **Best-seller**: a literatura de mercado. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1988.

SOUZA, Bruna Valeria de. **Harry Potter e o possível caminho para a formação de leitores**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português-Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2015. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/8089/1/PB_COLET_2015_2_01.pdf. Acesso em: 22 out. 2019.

TAVELA, Maria Cristina Weitzel. Literatura de massa na formação do leitor literário. **Darandina**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 1-10, nov. 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/16-Literatura-de-massa-na-forma%C3%A7%C3%A3o-do-leitor-liter%C3%A1rio.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2019.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Atuação e perspectivas profissionais do profissional da informação. *In*: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **O profissional da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000, p. 135-152.

WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 3, p.179-190, set./dez., 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v24n3/a03v24n3.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2019.

APÊNDICE A – QUESTÕES ABERTAS PARA AS ENTREVISTAS

- a) Você concorda que as mídias podem modificar os comportamentos das pessoas? Por quê? Algum exemplo do dia a dia?
- b) Você acha que a literatura e a leitura também foram modificadas?
- c) Você considera a leitura algo muito importante na sociedade e que deveria ser mais valorizada?
- d) Você acha que o cinema influencia as pessoas a lerem?
- e) Você enxerga alguma relação entre os dois (literatura e cinema)? Por que? Algum exemplo?
- f) Há pesquisas que indicam que Harry Potter e Crepúsculo influenciaram os jovens do começo dos anos 2000 a se tornarem leitores assíduos. Você considera esse fato algo positivo? Já teve alguma situação envolvendo esses títulos na biblioteca (ou outros)?
- g) Você acha que o livro é melhor do que o filme? Ou o contrário? Por quê?
- h) Você já foi influenciado por algum deles?
- i) Vocês realizam ou já realizaram alguma ação cultural voltada ao cinema e a literatura? Quais?
- j) Teve alguma mudança no acervo feita para atrair as pessoas que gostam de ver a adaptação e ler o livro?
- k) Você já tinha pensado sobre essa relação antes da entrevista?
- l) Você acredita que se realizar ações voltadas a esse tema, terá um público que corresponderá? Que as pessoas irão gostar?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

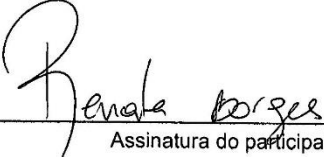
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

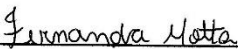
A presente entrevista tem como propósito ser utilizada para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS) e se projeta a entrevistar profissionais que trabalham em ambientes de informação. Pretende-se investigar a relação entre cinema e literatura a partir da perspectiva de profissionais que atuam em bibliotecas e livrarias na cidade de Porto Alegre.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se no decorrer desta o(a) entrevistado(a) resolver não continuar terá a sua liberdade de o fazer, sem que haja nenhum prejuízo.

Os responsáveis por esta pesquisa são a aluna Fernanda Henriques Motta e a professora orientadora Marlise Maria Giovanaz (FABICO/UFRGS) que se comprometem a esclarecer qualquer dúvida que eventualmente o participante possa ter no momento da pesquisa ou posteriormente. Depois de ter sido devidamente informado(a) de todos os aspectos desta pesquisa e ter elucidado todas as minhas dúvidas:

Eu Renata de Souza Borges....., concordo e aceito participar da realização da pesquisa descrita acima.


Assinatura do participante


Fernanda Henriques Motta

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO


APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A presente entrevista tem como propósito ser utilizada para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS) e se projeta a entrevistar profissionais que trabalham em ambientes de informação. Pretende-se investigar a relação entre cinema e literatura a partir da perspectiva de profissionais que atuam em bibliotecas e livrarias na cidade de Porto Alegre.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se no decorrer desta o(a) entrevistado(a) resolver não continuar terá a sua liberdade de o fazer, sem que haja nenhum prejuízo.

Os responsáveis por esta pesquisa são a aluna Fernanda Henriques Motta e a professora orientadora Marlise Maria Giovanaz (FABICO/UFRGS) que se comprometem a esclarecer qualquer dúvida que eventualmente o participante possa ter no momento da pesquisa ou posteriormente. Depois de ter sido devidamente informado(a) de todos os aspectos desta pesquisa e ter elucidado todas as minhas dúvidas:

Eu MARIA SCHWEN MOTTA....., concordo e aceito participar da realização da pesquisa descrita acima.


Assinatura do participante

Fernanda Motta
Fernanda Henriques Motta